



## **Paulicéia Literária: páginas e suplementos literários em jornais paulistanos (1920-1964)<sup>1</sup>.**

Mônica Rodrigues Nunes<sup>2</sup>

Sandra Reimão<sup>3</sup>

Universidade de Metodista de S. Paulo, SP

### **RESUMO:**

Este trabalho tem por objeto central páginas e suplementos literários. Trata-se de uma pesquisa que buscou localizar, identificar e caracterizar páginas e suplementos literários, inseridos em nove jornais paulistanos de grande circulação e prestígio, entre 1920 e 1964. Por meio de uma abordagem qualitativa, percebemos que os espaços para as artes e espetáculos, nos jornais analisados, se davam de diversas maneiras, e não apenas em páginas e suplementos literários, como a publicação de seções diárias de artes e espetáculos, cadernos de cultura, páginas “sem títulos”, rodapés de crítica literária, romances-folhetins, entre outros. E com objetivo de entender como páginas e suplementos literários atuavam, enquanto divulgadores do mercado editorial, analisamos a seção “Resenha Bibliográfica” do jornal *O Estado de S. Paulo*.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornais paulistanos; páginas e suplementos literários; folhetins; crítica de rodapé; livros.

### **INTRODUÇÃO**

No ano em que se completa 200 anos de imprensa brasileira, a bibliografia sobre o tema encontra-se, de certa forma, em estado avançado. Não há dúvidas quanto ao período em que os primeiros jornais começaram a ser publicados, suas características, sua estrutura e seus objetivos.

Mesmo assim, alguns aspectos dos jornais brasileiros ainda não foram estudados. Um deles diz respeito aos suplementos literários. Não se sabe, certamente, o período em que os jornais diários começaram a publicar suplementos literários e, tão pouco, como estes veículos se estruturavam e se caracterizavam.

A falta de uma bibliografia especializada, ou mesmo de referências sobre suplementos literários em obras sobre a história da imprensa brasileira e em outros estudos, tem dificultado a pesquisa sobre estes veículos. No entanto, a falta de um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Jornalismo, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social, com a tese “Paulicéia Literária: páginas e suplementos literários em jornais paulistanos”, defendida em 2007, com bolsas Capes e CNPq. Email: monicarn@terra.com.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora da Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de S. Paulo. Email: sandrareimao@uol.com.br.



recenseamento dos suplementos literários, vinculados a jornais diários, não tem sido obstáculo para estudos mais pontuais. O interesse principalmente de pesquisadores universitários tem se mostrado através da produção de teses, dissertações, capítulos de livros e obras completas. Entre eles citamos dois trabalhos sobre o **Suplemento Literário** de *O Estado de S. Paulo*: a tese de Marilene Weinhardt, publicada em 1987, pelo Instituto Nacional do Livro, e a dissertação de Elizabeth de Souza Lorenzotti, defendida em 2002, na ECA/USP.

A idéia ao realizar este trabalho surgiu da dificuldade em localizar suplementos literários em repertórios consolidados. Nosso desejo ao realizar este trabalho, é contribuir não só com recenseamento dos suplementos literários, publicados na imprensa brasileira (especificamente, de jornais paulistanos), mas também caracterizá-los num período específico da imprensa de São Paulo.

Para alcançar nosso objetivo que é localizar, identificar e caracterizar páginas e suplementos literários, publicados nos jornais paulistanos entre 1920 e 1964, realizamos uma leitura sistemática do conteúdo de jornais de grande circulação e prestígio, que foram: *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário Popular*, *A Gazeta*, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde*, *Diário de S. Paulo* e *Última Hora*.

Esta investigação circunscreveu-se apenas aos suplementos literários que, efetivamente, foram publicados como veículos componentes de jornais diários, excluindo as publicações autônomas, vendidas separadamente.

Consideramos como suplementos literários não apenas aqueles veículos que traziam, no cabeçalho, o título “Suplemento Literário”, mas também veículos que foram considerados, por seus diretores ou redatores, como sendo deste gênero (por meio de subtítulos, textos de apresentação e anúncios).

Para este estudo, utilizamos como base metodológica, o modelo de ficha construído por Marcos Morel e Marialva Barbosa, em *História da Imprensa no Brasil: metodologia para o inventário 1808-2008*.<sup>4</sup>

A escolha do período (1920 a 1964) deveu-se a dois motivos distintos: a indicação na literatura sobre a história da imprensa brasileira – que revela ser nas primeiras décadas do século XX – que os jornais passaram a inserir suplementos literários, em suas edições (com maior frequência), devido à generalização das relações

---

<sup>4</sup> Sobre os objetivos e o modelo de ficha desta proposta metodológica ver: [http://www2.metodista.br/unesco/hp\\_unesco\\_redeacar30.htm](http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redeacar30.htm) acesso em 25 de abril de 2007.



capitalistas (passagem da pequena à grande imprensa), que exigiam alterações na imprensa<sup>5</sup>.

O outro motivo para o início deste estudo, na década de 1920, foi a realização da Semana de Arte Moderna, no Theatro Municipal de S. Paulo, em fevereiro de 1922. Marco da renovação cultural em São Paulo, e também no Brasil, este evento sinalizou o início de uma movimentação artística na capital paulista, que “se desenvolveu e teve as suas manifestações mais características de 1922 a 1935” (CANDIDO, 2000, p. 160). O movimento cultural modernista, na Paulicéia, transcendeu as fronteiras do Estado. A partir de então, São Paulo “assume proeminência no âmbito da cultura – até então ocupada pelo Rio de Janeiro – ao gestar um padrão cultural diverso” (ARRUDA, 2001, p.117).

Com a realização da Semana de Arte Moderna, em 1922, São Paulo tornar-se-ia o palco de manifestações nos diversos campos da produção artística e literária, e também, segundo Maria Arminda do Nascimento Arruda, se irradiando “para os mais diversos domínios: Arquitetura, Teatro, Cinema, as chamadas Artes Industriais como o Design, Ciências Sociais [...]” (2001, p. 19). E até 1964, quando se instalou um novo regime ditatorial no Brasil, a movimentação cultural na capital paulista foi crescente, sobretudo no pós-1945, com a criação de museus, companhias teatrais, companhias cinematográficas, bienais de artes, etc.

Juntando-se a toda a transformação no campo artístico e literário, proporcionada pela Semana de Arte Moderna, não podemos excluir o importante papel das instituições universitárias, fundadas na capital paulista (como por exemplo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras FFCL/USP, fundada em 1934), que “acabou por alterar o estilo da reflexão” construindo “papel decisivo na construção de linguagens culturais [...] de onde emergiram intelectuais talhados em concepções hauridas do conhecimento científico e que produziu uma nova geração de críticos mergulhados nas mais avançadas teorias” (ARRUDA, 2001, p. 21-22).

A delimitação do período de análise – até 1964 – deu-se em função do Golpe Militar, ocorrido em 31 de março deste mesmo ano. O novo regime, instituído através de Atos Institucionais, aplicou rigorosa censura aos meios de comunicação de massa. Iniciava-se assim, mais um período de censura, com resultados marcantes para a história do país.

---

<sup>5</sup> Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.



### **Por dentro dos jornais paulistanos: páginas e suplementos literários**

O início da imprensa no Brasil só foi possível com a transferência da corte portuguesa para a colônia, em 1808. Ressaltemos que a tipografia inexistiu durante quase todo o período colonial. Por isso, qualquer que fosse o escrito, não era possível imprimi-lo no Brasil. Além disso, os escritos, antes de serem impressos, deveriam passar pelo crivo da censura.

A chegada da corte trouxe algum desenvolvimento ao país. Com a abertura dos portos, impressos passaram a entrar clandestinamente no país. Entre eles, o *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*, jornal doutrinário, mensal, dirigido pelo brasileiro da Província de Sacramento, Hipólito da Costa, que circulou até 1822, um ano após a abolição da censura à imprensa.

Mesmo com a abolição à censura, algumas Províncias demoram a possuir tipografias; São Paulo foi uma delas. Entretanto, a falta de uma tipografia não foi obstáculo para que, em São Paulo, houvesse publicação periódica. Em 1823, surgiu na capital da Província *O Paulista*, jornal manuscrito, bissemanário, redigido por Antonio Mariano de Azevedo Marques (o “Mestrinho”).

Somente três anos após a iniciativa de Azevedo Marques que um prelo chegou a São Paulo. Esta tipografia surgiu da ação de José da Costa Carvalho, que adquiriu uma tipografia, em 1826, com objetivo de publicar um jornal. Foi desta que saiu, em 07 de fevereiro de 1827, o pioneiro dos jornais impressos nesta Província, *O Farol Paulistano*.

Até meados do século XIX, aproximadamente sessenta<sup>6</sup> jornais foram fundados na capital da Província. O primeiro grande jornal foi o *Correio Paulistano*. Fundado em 26 de julho de 1854, por Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

Esta publicação passou por alguns episódios de tendência liberal tornando-se órgão oficial do Partido Republicano, e, a partir de 1955, assumiu linha editorial independente.

Na década de 1930 o *Correio Paulistano*, por quatro anos, foi obrigado a suspender suas edições, quando teve seus bens retidos pelo governo revolucionário. E, a primeira inclusão de uma publicação voltada ao campo das artes e espetáculos no

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA, João Gualberto de. **Nascimento da Imprensa Paulista**. São Paulo: Gráfica Sangirard, 1978, p. 103-104.



*Correio Paulistano* deu-se, em 30 de julho de 1950, com a edição da “Página Pensamento e Arte”, dirigida Hernani Donato.

Localizada na primeira página da 2ª Seção do jornal (edições de domingo) esta página era composta por seções fixas e colaborações livres. Também contava com vários colaboradores, entre eles: Cândido Motta Filho, Cecília Meireles, Josué de Castro, Helio de Sousa, Gilberto Freyre, Nuno Sant’anna, Otto Maria Carpeaux e Péricles Eugênio da Silva Ramos.

A “Página Pensamento e Arte” circulou até maio de 1952 quando foi substituída pelo tablóide “Suplemento Pensamento e Arte”, sob direção de João Raymundo Ribeiro.

No Suplemento juntaram-se aos colaboradores da página “Pensamento e Arte” novos nomes como Affonso de E. Taunay, Carlos Dávila, Guilherme de Almeida, Gustavo Corção, Lygia Fagundes Telles, Raul de Polillo, Walter Rocha, entre outros.

Composto por seções fixas e livres o “Suplemento Pensamento e Arte” abordava os mais variados temas: literatura, artes plásticas, cinema, teatro, etc. E no mesmo caderno também eram editadas a Página Infantil e a Página Feminina.

Ao completar 154 edições, o “Suplemento Pensamento e Arte” deixou de circular, em 29 de maio de 1955. Em seu lugar voltou a ser editada a “Página Pensamento e Arte” na página dois da 2ª ou 3ª Seção das edições do *Correio Paulistano* de domingo (até fevereiro de 1956).

Em dezembro de 1958, o *Correio Paulistano* lançou um novo suplemento intitulado “Suplemento Nas letras e nas Artes no Lar e Na sociedade”. Como indicava o próprio nome esta nova publicação dominical dedicava metade de seu conteúdo aos temas literários e culturais e metade, aos temas femininos. Com seções fixas e colaborações livres.

O “Suplemento Nas letras e nas Artes no Lar e Na sociedade” deixou de ser publicado em junho de 1962. E até o encerramento das atividades do *Correio Paulistano*, em 1964, nenhuma outra publicação cultural/literária voltou a ser editada.

Outro grande jornal a ser lançado no século XIX em São Paulo foi *A Província de S. Paulo*, em 04 de janeiro de 1875. A sociedade, da qual pertencia era formada por mais ou menos 20 associados. A cota maior era de Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos, redatores do jornal. A administração ficou a cargo de José Maria Lisboa e Júlio de Mesquita. Este último tornou-se proprietário único do jornal, em 1902, que neste período, já circulava com novo título *O Estado de S. Paulo*.



No período do Estado Novo, entre 1940 e 1945, *O Estado de S. Paulo* foi interditado; passando a ser dirigido por Abner Mourão.

Onze anos após voltar às mãos de seu proprietário, começaram a ser editadas as páginas “Letras e Artes”, nas edições dominicais. Por dois anos, entre 1956-1958, colaborações livres (artigos, ensaios, críticas, etc) e matérias sobre artes e espetáculos foram o foco de seu conteúdo.

E no mesmo ano em que as páginas “Letras e Artes” começaram a ser editadas, *O Estado de S. Paulo* lançou seu primeiro “Suplemento Literário” – tornando-se o mais famoso do gênero da imprensa paulistana. Dirigido por Décio de Almeida Prado esta publicação foi idealizada por Antônio Cândio.

Durante todo o período em que foi publicado (1956-1974) este suplemento sofreu poucas alterações. Organizado em seções fixas e livres contou com a colaboração de importantes nomes (intelectuais, universitários, escritores renomados e estreates, entre outros).

Uma década após o surgimento do jornal *O Estado de S. Paulo* um novo vespertino passou a circular na capital paulista: o *Diário Popular*, cuja primeira edição foi publicada em 08 novembro de 1884. Desde o princípio, este jornal esteve engajado nas causas abolicionista e republicana. No século seguinte, este diário passou a matutino e também buscou identificação com as classes B e C. Com cobertura voltada para as classes populares este jornal não publicou páginas ou suplementos literários, entre 1920 e 1964.

Com a chegada do século XX, novos periódicos começaram a se despontar na cidade de São Paulo. Entre eles, encontrava-se o diário vespertino, *A Gazeta*, lançado em 16 de maio de 1906, sob a direção de Adolfo Campos de Araújo. Doze anos depois jornal foi adquirido por Cásper Líbero.

Ao declarar apoio à candidatura de Júlio Prestes, *A Gazeta* foi empastelada – deixando de circular entre 25 de outubro e 16 de novembro de 1930.

Após passar por uma grande reformulação entre as décadas de 1920 e 1940, *A Gazeta* lançou, em 1946, uma publicação voltada para o campo literário, a “Página Literária”. Com edições às quintas-feiras, seu conteúdo abordava o livro e a literatura sob diversos aspectos (tendo passado por diversas modificações: constantes alterações de seções fixas, mudança dos nomes dos colaboradores). Entre os colaboradores mais frequentes, citamos: Antonio Constantino, Aplecina do Carmo, Tito Livio Ferreira, Luis



Edmundo, Assis Cintra, Brito Broca, J. P. Galvao de Sousa, Jorge Rizzini, Pedro Uzzo, Judas Isgorogota e Ricardo Ramos.

Com algumas interrupções esta página foi publicada até 1963. Seu título sofreu algumas alterações: “Página Literária”, “Página Literária e Literária-2” e “Literária”. E até 1964, *A Gazeta* não voltou a publicar páginas ou suplementos literários.

Três novos jornais de prestígio – que mais tarde foram reunidos sob o título de *Folha de S. Paulo* – começaram a circular na capital paulista nas primeiras décadas do século XX, foram eles: *Folha da Noite* (1921), *Folha da Manhã* (1925) e *Folha da Tarde* (1949). O primeiro grupo diretor (1921) era formado por Leo Vaz, Mariano Costa, Artêmio Figueiredo, Olival Costa e Pedro Cunha.

Mas foi sob a direção da Octavio Alves de Lima e Diógenes de Lemos Azevedo que surgiu o primeiro suplemento sobre artes e literatura na *Folha da Manhã*. Tratava-se do dominical “Suplemento”, lançado em novembro de 1932.

O conteúdo do Suplemento apresentava variado leque de temas. Inicialmente contava com poucas seções fixas e muitos artigos livres. Em 1938, passou a ter nova identidade, com nova paginação e conteúdos. E até 1943, quando deixou de circular, publicou contos, sonetos, artigos, notas, críticas, sobre artes plásticas, arquitetura, cinema, teatro, literatura, medicina, filosofia, agricultura, etc.

Entre os colaboradores que publicaram no “Suplemento” destacam-se: Viriato Corrêa, Leonardo Arroio, Orígenes Lessa, Helena Silveira, Francisco Patti, Plínio Mendes.

Em 1945, a *Folha da Manhã* voltou a lançar um novo suplemento literário. Dirigido de Ruy Bloem, inicialmente esta publicação apresentava apenas colaborações livres sobre: artes plásticas, antropologia social, medicina, psicologia, química, filosofia, etc. Depois, algumas seções fixas foram inseridas, entre elas, um rodapé literário assinado por Alcântara Silveira.

No “Suplemento Literário” artigos, ensaios, entrevistas, poesias, resenhas, críticas e contos eram assinados por colaboradores convidados pelo jornal. Entre 1945 e 1948, período foi publicado, um grande leque de nomes (nacionais e estrangeiros) assinaram, entre eles: José Geraldo Vieira, Flamínio Fávero, Ciro dos Anjos, Afonso Schmidt, Silveira Bueno, Tristão de Athayde, Salvador de Madariaga, Paul Andraitx.

Em 1949, a *Folha da Manhã* lançou o “Suplemento Dominical”. De vida curta (encerrou ainda em 1949), esta publicação apresentava conteúdo mais leve, isto porque, nela, poucas eram as colaborações livres, com seções fixas (entrevistas, notas e



reportagens sobre esportes, cinema, música, ciência, artes plásticas, algumas seções sobre literatura, etc).

Apenas em 1953, um novo suplemento passou a sair nas edições da *Folha da Manhã*: “Atualidades e Comentários”. Este dominical tinha como foco as artes plásticas, mas também apresentava matérias voltadas ao campo artístico/literário.

Em 1956, o conteúdo de “Atualidades e Comentários” sofreu modificações, passando a ter perfil mais reflexivo, publicando artigos e ensaios assinados, por colaboradores como: Osmar Pimentel, Manuel Germano, Raimundo Meneses, Leonardo Arroyo, Ana Stela Schic, José Geraldo Vieira e Miroel Silveira.

Em 1958, “Atualidades e Comentários” teve alterado seu título para “Assuntos Culturais”. E ao mesmo tempo em que este caderno dominical era publicado na *Folha da Manhã*, os dois outros jornais da Empresa Folha da Manhã S. A. – *Folha da Noite* e *Folha da Tarde* – passaram a publicar diariamente a *Folha Ilustrada*.

Em 1929, com o desejo de ampliar sua rede de veículos <sup>7</sup>, Assis Chateaubriand lançou o *Diário de S. Paulo*. Já nas primeiras edições do jornal, começou a editar um suplemento literário, intitulado “Suplemento Dominical”. Com edições até 1936, este suplemento sofreu diversas modificações: teve alterado seu número de páginas, inseriu e excluiu seções fixas, lançou um concurso de contos e contou com colaboradores nacionais e estrangeiros.

Em novembro de 1946, depois de publicar um caderno sem título sobre artes, espetáculos e outros temas, o *Diário de S. Paulo* lançou o “Suplemento Literário”. A direção era de Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão (Pagu).

Durante o período em que foi publicado (quase três anos), no suplemento se encontravam trabalhos ficcionais, artigos, ensaios, críticas, reportagens, entrevistas e algumas seções fixas. Colaboradores nacionais e estrangeiros (através da sucursal do *Diário de S. Paulo* em Lisboa) assinavam trabalhos para este suplemento.

Em junho de 1949, no *Diário de S. Paulo*, surgiram páginas intituladas “Arte, Literatura e Crítica”. Inicialmente com edições aos domingos, depois, em 1952, passaram a ter duas edições, às quintas-feiras e domingos; com conteúdos diferentes.

Em substituição às páginas “Arte, Literatura e Crítica” foi criada a página “Vida Literária” e “Letras, Artes e Ciências”, ambas em 1957. A primeira foi extinta ainda em 1957, já a segunda, em 1963.

---

<sup>7</sup> Neste período, já estavam em circulação *O Jornal*, no Rio de Janeiro; o *Diário da Noite*, em São Paulo; o *Estado de Minas* e a revista *Cruzeiro*.



Um novo jornal de expressão começou a circular em São Paulo em março de 1952. Tratava-se da edição paulista do jornal *Última Hora* de propriedade de Samuel Wainer.

Lançado com o apoio do então Presidente da República, Getúlio Vargas, a idéia era de que *Última Hora* fosse um porta-voz do governo, que, naquele período, se via ignorado pela maioria dos grandes jornais.

O *Última Hora* lançou três publicações voltadas ao universo artístico/cultural: “3º Caderno”, “Literatura e Arte” e “Tablóide”. O primeiro deles, circulou entre 1956 e 1958, de terça-feira a sexta-feira, com conteúdo composto por matérias e seções sobre artes e espetáculos. Pode-se dizer que o “3º Caderno” foi o embrião, do que anos mais tarde, se convencionou chamar de caderno de cultura.

Já o segundo, “Literatura e Arte”, se diferenciava do anterior, por trazer além de matérias jornalísticas, trabalhos de criação literária. E depois de passar por algumas mudanças (inicialmente era editada às quintas-feiras, em 1959, passou a sair aos sábados; alguns títulos de seções sofreram alterações e poemas passaram a ser publicados; sofreu algumas interrupções) esta página deixou de ser publicada, em 1960.

Enquanto a página “Literatura e Arte” passava por reestruturações, o *Última Hora* lançou um caderno “Tablóide” voltado ao universo artístico cultural, com edições de segunda-feira a sexta-feira. A última edição deste caderno foi em janeiro de 1960.

### **Arte, literatura em jornais paulistanos (1920-64): folhetins, crítica de rodapé, páginas e suplementos literários.**

A leitura sistemática dos jornais estudados proporcionou apontar alguns traços característicos de seus conteúdos. Além de páginas e suplementos literários, pudemos verificar a presença de títulos de romances-folhetins, seções diárias sobre artes e literatura, rodapés de crítica literária e cadernos diários de cultura.

De uma breve análise das seções sobre artes e literatura nos jornais paulistanos, entre 1920 e 1964, vemos um aumento significativo no espaço dedicado a este tema. Inicialmente, as seções, se apresentavam com nomes bastante parecidos, que se encarregavam de dar “nota” ou “registrar” os eventos realizados na capital paulista. Eventualmente, crônicas e artigos sobre estes temas eram publicados nos jornais da cidade.

No entanto, foi no pós-1945 que percebemos aumentar o espaço diário dedicado aos temas literário/cultural. Nesta época, na capital paulista, foram criados novos



museus como o Masp (Museo de Arte de S. Paulo), em 1947, e o MAM (Museo de Arte Moderna), em 1948; Alfredo de Mesquita fundou a Escola de Arte Dramática (EAD), em 1948; novos teatros foram fundados, entre eles: o Teatro de Arena, 1953 e o Teatro Oficina, em 1958; a consolidação do Rádio na década de 1940 (nota Moraes, 2004, p.616); e o surgimento da Televisão, em 1951.

Tal movimentação no campo das artes em São Paulo possibilitou o surgimento de novas seções, páginas e cadernos voltados ao tema cultural como o “3º Caderno” e o “Tablóide” (ambos do *Última Hora*), de 1956 e 1959, respectivamente; e a “Folha Ilustrada” (*Folha da Noite* e *Folha da Tarde*), lançada em 1958.

Também localizamos nos jornais estudados, a publicação de rodapés literários e romances-folhetins.

A idéia de inserir romances em fatias seriadas, uma prática copiada dos jornais franceses, tornou-se bastante comum na imprensa paulistana desde as primeiras décadas do século XIX, e estendeu-se pelo século XX. Através dos romances-folhetins, leitores dos mais diversos jornais podiam desfrutar da literatura publicada em doses diárias, editadas no quarto inferior da página.

Na década 1920, na imprensa paulistana, encontramos, com grande freqüência, a publicação de folhetins; muitos jornais inseriram, em suas páginas, títulos de vários autores, ininterruptamente. Os diários que mais divulgaram romances-folhetins em suas edições foram: o *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*.

A partir da década de 1930, verificamos três peculiaridades nos jornais analisados: a primeira foi a redução do número de romances-folhetins, publicados nos jornais *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *A Gazeta*; a segunda, foi o início desta atividade em jornais que, anteriormente, não publicavam este gênero literário em suas páginas: *Folha da Manhã*, *Folha da Noite* e *Diário de S. Paulo*; a terceira, foi a publicação, no *Correio Paulistano*, de outros gêneros literários em fatias seriadas: de um romance cinematográfico, de uma reportagem e de vários contos (na década de 1940).

O final da década de 1940 marca, pela leitura das edições dos jornais paulistanos, o fim da publicação do romance-folhetim em muitos jornais. Apenas o jornal *Última Hora*, publicou folhetins nas décadas de 1950 e 1960.

Da análise dos títulos de folhetins publicados, entre 1920 e 1964, percebemos uma grande predominância de traduções. O escritor brasileiro que mais publicou folhetins – neste período – foi Afonso Schmidt.



Outro importante espaço para os temas literários, nos jornais diários, era a publicação de seções de crítica literária. Assim como os folhetins, as seções ou colunas de crítica literária (ou crítica de rodapé) eram publicadas, em geral, no quarto inferior da página.

Pela leitura dos jornais, as seções de crítica literária não eram as únicas a ocuparem o espaço do rodapé. Desde o início da década de 1920, alguns jornais publicavam, com edições semanais, rodapés sobre mais variados temas, como política, direito, agronomia, medicina, economia, arquitetura, música, artes plásticas, entre outros.

Da análise das edições dos jornais analisados, no período entre 1920 e 1964, encontramos em alguns deles o costume de publicar, em dias específicos da semana, rodapés de crítica literária. Estes rodapés eram publicados quase sempre com edições semanais, em dias fixos, e geralmente quando algum diário possuía uma página ou suplemento literário, ou páginas sem títulos (dedicadas às artes e à literatura), eram neles que a opinião e a matéria sobre o universo dos livros e da literatura eram acomodadas.

Foi na década de 1930 que a maioria dos jornais passou a incluir o rodapé de literário. E até a década de 1950, verificamos um forte crescimento desta modalidade nas edições dos jornais paulistanos; período este que, de acordo com Antonio Candido, o rodapé “chegou a ter no Brasil grande importância na orientação do gosto e no movimento da vida literária” (1979, p.21).

No entanto, na década de 1960, percebemos diminuição acentuada do número de rodapés literários nos jornais. Apenas Wilson Martins, que assinava um rodapé crítico no Suplemento “Literário” de *O Estado de S. Paulo*.

Os críticos<sup>8</sup> mais destacados na imprensa paulistana, no período entre 1920 e 1964, foram: Nelson Werneck Sodré e Nuno Sant’anna, que colaboraram no *Correio Paulistano*; Sud Mennucci, Plínio Barreto, N. Duarte Silva, J. O. Orlandi, Mario Donato, Edmundo Rossi e Sergio Milliet e Wilson Martins, em *O Estado de S. Paulo*; Sousa Filho, Álvaro Moreyra e Menotti Del Picchia e Brito Broca, em *A Gazeta*; Ruy Bloem, na *Folha da Noite*; Rubens do Amaral, Alcântara Silveira, Antonio Candido, Álvaro Lins e Tristão de Athayde, na *Folha da Manhã*; e por fim, Agrippino Grieco,

---

<sup>8</sup> É preciso ter em conta que registramos, aqui, apenas os nomes de colaboradores, presentes nas edições por nós consultadas (de acordo com a nossa amostragem), o que significa, evidentemente, que outros críticos possam ter assinado, nestes mesmos jornais, no período entre 1920 e 1964.



Tristão de Athayde, Antonio Candido, José Aderaldo Castello e Otto Maria Carpeaux, no *Diário de S. Paulo*.

Quanto à inserção de páginas e suplementos literários pudemos perceber que, dos nove jornais analisados, apenas dois – *Diário de S. Paulo* e *Folha da Manhã* – inseriram suplementos literários em suas edições, em fins da década de 1920 ou início da década de 1930. A falta de uma publicação de mesmo gênero, nos demais jornais da imprensa paulistana, pode ser justificada. Isto porque, na década de 1930, outros dois jornais – *O Estado de S. Paulo* e *A Gazeta* – lançaram publicações autônomas, intituladas suplementos de “Rotogravura”.

Percebemos, também, que os dois suplementos literários vinculados a jornais paulistanos, publicados na década de 1930, sofreram grandes mudanças no conteúdo. O “Suplemento Dominical” do *Diário de S. Paulo*, a partir de 1931, reduziu o espaço dedicado à publicação de trabalhos literários e o “Suplemento” da *Folha da Manhã*, no ano de seu lançamento, não costumava publicar as colaborações com assinaturas.

Esta mudança no perfil dos suplementos literários, publicados na década de 1930, possivelmente tenha ocorrido em razão das perseguições que intelectuais, escritores, jornalistas e artistas passaram a sofrer durante o Estado Getulista (1930-45).

A publicação de novos suplementos ou mesmo o aumento de páginas nos jornais, nas décadas de 1930 e 1940, também foram impossibilitados, segundo editoriais de alguns diários, devido ao início da Segunda Guerra Mundial (iniciada em setembro de 1939).

Com o fim da Segunda Guerra e início de um período democrático no Brasil (com a queda de Getúlio Vargas), ambos em 1945, vê-se iniciar um novo ciclo na imprensa paulistana. No pós-45, novos suplementos foram lançados em jornais da capital. O primeiro deles foi o “Suplemento Literário” da *Folha da Manhã*, em 1946. E, até 1964, quando um novo regime autoritário começou, cinco, dos nove jornais analisados, tinham ou haviam incluído, em suas edições, um suplemento literário.

Ao falarmos sobre a inclusão destes suportes nos jornais, em todo o período analisado (1920-1964), algumas características foram notadas. A primeira delas é que tanto páginas “sem títulos”, páginas literárias e suplementos literários, quando publicados, recebiam tratamento diferenciado no que diz respeito à diagramação. As páginas “sem títulos” e as literárias eram publicadas no mesmo formato do jornal (*standard*); já alguns suplementos literários foram editados no formato tablóide. Sem



dúvida, tratava-se de páginas perfeitamente identificáveis, que se destacavam das demais páginas dos diários.

A segunda característica é que poucos foram os suplementos literários que não precisaram dividir o caderno (*standard* ou tablóide), em que eram publicados, com seções não relacionadas aos temas literários e artísticos (como páginas femininas, infantis, agrônomicas, esportivas, classificados, etc.). No entanto, isto não significa que estas publicações não pudessem ser chamadas de suplementos. Pois, falar de um suplemento não significava falar de algo grande ou com muitas folhas. E, como afirma César Antonio Molina, “los suplementos, por otra parte, atienden muy bien a su defición filológica, ‘hojas extraordinárias de um periódico’, necesarias, pero prescindibles [...]” (1990, p.29).

Verificamos também que tanto páginas e suplementos literários tinham dia fixo para serem veiculados. As páginas literárias podiam ser encontradas às quintas-feiras, aos sábados e também aos domingos. Já os suplementos literários, em sua maioria, saíam aos domingos; não por acaso, muitos jornais os denominavam de “suplemento dominical” (ou no título, ou em eventuais anúncios, ou em textos de apresentação). O “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo* foi exceção; saindo aos sábados.

É preciso ressaltar ainda, o importante papel de dois suplementos literários, publicados em diferentes épocas, ao cederem espaço para que movimentos de vanguarda divulgassem suas idéias. O primeiro foi o “Suplemento Dominical” do *Diário de S. Paulo* que publicou, em 1929, a *Revista de Antropofagia* (2ª Dentição) escrita e editada por modernistas. O segundo foi o *Correio Paulistano* que, entre 1961 e 1962, publicou, no “Suplemento Dominical”, a página “Invenção”, realizada por um grupo de concretistas.

### **Livro e o jornal**

O livro e o jornal sempre tiveram uma forte correlação. A divulgação dos livros ou do mercado editorial, em seções sobre livros e literatura nos jornais, – ou mais especificamente nos suplementos literários e artísticos –, é apenas uma das múltiplas possibilidades da representação dos livros em outras mídias. Ao analisarmos o conjunto de páginas e suplementos literários (1920-1964), de jornais paulistanos, percebemos que o foco de suas edições era, sem dúvida, o assunto literário.

Cientes das diversas possibilidades de correlações entre os livros e os suplementos literários – e com o objetivo de entender como estes veículos atuavam



como divulgadores do mercado editorial – em função do alto volume de ocorrências, escolhemos para análise a seção “Resenha Bibliográfica” do “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*. Uma análise do conteúdo de 56 edições desta seção.

O que se nota é que para esta seção, e isto pode ser estendido a outras seções sobre livros e literatura, de páginas e suplementos literários consultados, que o conceito de literatura que articula na seleção de livros a serem resenhados trata-se da abordagem de livros (de literatura no sentido lato), mas que tenham relevância cultural. Os títulos resenhados referiam-se, em sua maioria, a obras de saberes científicos de diferentes áreas (humanas, exatas e biológicas), e não apenas a títulos das belas letras.

Esta observação nos leva a uma outra: à temporalidade dos livros resenhados nas páginas e suplementos. Para a publicação das resenhas, em muitos casos, não se utilizava como critério os títulos recém-lançados; parte das publicações mencionadas referiam-se a obras antigas. Neste sentido, poderíamos dizer que o objetivo de algumas páginas e suplementos literários não era apenas ser um mero divulgador do mercado editorial, mas sim, de instrumento formador de uma reflexão.

### **Algumas considerações:**

Ao analisarmos o conjunto dos jornais paulistanos, escolhidos para este estudo, percebemos o interesse dos jornais em abordar assuntos relacionados às artes e espetáculos. Isto se vê com a publicação de seções diárias de artes e espetáculos, cadernos diários de cultura, páginas “sem títulos” (com colaborações literárias e artísticas), rodapés críticos, romances-folhetins e páginas e suplementos literários.

Quanto ao conteúdo de páginas e suplementos literários, entre 1920 e 1964, encontramos traços comuns isolados ou combinados de vários modos. Algumas características comuns são encontradas nos suplementos publicados em diferentes décadas. A primeira delas é a ênfase aos assuntos literários, e a segunda, é que o material publicado nestes suportes mesclava crítica, crônicas, trabalhos literários ficcionais e, ainda, temas artísticos, científicos, históricos, filosóficos, sociais, políticos, etc.

Esta miscelânea de assuntos nos suplementos literários (literatura, artes, filosofia, sociologia, história, política, ciências), também foi comum, segundo Molina, em publicações intituladas literárias publicadas na Espanha durante grande parte do século XIX. “La prensa literaria durante mucho tiempo estuvo englobada como una más dentro de esta otra general [Prensa cultural]” (1990, p.21).



Neste sentido, os suplementos intitulados literários, publicados na imprensa paulistana, não eram compostos exclusivamente de temas relacionados à literatura e aos livros. Por isso mesmo, poderiam ser chamados também de culturais.

Neste sentido, poderíamos dizer que os suplementos literários, publicados na imprensa paulistana, no período entre 1920 e 1964, podem ser caracterizados como veículos de periodicidade semanal (em geral, dominical), publicados em páginas claramente identificáveis (com diagramação diferenciada) de diferentes formatos (*standard* ou tablóide); eram compostas estruturalmente por seções fixas e colaborações livres, onde se publicavam gêneros literários e jornalísticos de conteúdo heterogêneo, pois publicavam juntamente com assuntos relacionados aos temas literários (trabalhos ficcionais e não ficcionais), colaborações sobre artes, filosofia, sociologia, história, política, entre outros.

Deve-se levar em conta que a literatura e o livro aparecem como assuntos privilegiados nos suplementos literários, com a publicação de trabalhos de criação literária e seções ou rubricas de caráter informativo (notas, notícias, reportagens e entrevistas). Neste sentido, os suplementos literários, listados neste trabalho, de alguma forma atuaram como pré-orientadores ou pré-codificadores do ato de leitura dos livros neles mencionados. Dessa maneira, se observa a forte correlação existente entre estes dois suportes.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e cultura**: São Paulo no meio do século XX. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 2000.
- \_\_\_\_\_. A literatura brasileira em 1972. In: **Arte em Revista**. São Paulo, nº. 1, jan-mar., 1979.
- LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. **Do artístico ao jornalístico**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – ECA/USP .
- MASINA, Léa. Periodismo cultural no início do século. In: **Continente Sul Sur**: Revista do Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre, nº. 2, 1996, p. 227-235.
- MOLINA, Cesar Antonio. **Medio siglo de prensa literaria española** (1900-1950). Madrid: Ediciones Endymion, 1990.
- OLIVEIRA, João Gualberto de. **Nascimento da imprensa paulista**. São Paulo: Gráfica Sangirard, 1978.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- WEINHARDT, Marilene. **O Suplemento Literário d' O Estado de S. Paulo**: 1956-67. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987.